



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

Construindo identidades adolescentes na Pós-modernidade: pequeno esboço etnográfico

FRANCISCO JOSÉ ALVES DE ARAGÃO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO O artigo é fruto de uma pesquisa realizada no ano de 2013, no curso de Pedagogia da UFC. Como há concepções diferentes de infância e adolescência em várias épocas, partimos da seguinte pergunta: como se dá a construção da identidade do jovem de hoje, imerso e mediatizado pela tecnologia digital?

A metodologia usada foi a etnografia, com dados coletados por entrevistas com jovens de 12 a 18 anos, de colégios de Fortaleza. A Teoria Sociocultural do Desenvolvimento e da Aprendizagem, de Vygotsky, e a Teoria Psicossocial, de Erik Erikson deram suporte teórico à pesquisa. Novos elementos de formação cognitiva, como modos de aprendizagem, formas de escrita, de leitura e interação social (agora virtuais) são fundamentais à construção identitária hoje (muito diverso da época de seus pais e avós). Também há pontos negativos, uma vez que a dinâmica da interatividade midiática reflete as relações de poder na sociedade, a disputa mais ampla pelos recursos simbólicos e materiais. É nítida a percepção de que a excessiva carga de informação e de comunicação atual gera uma expansão descontrolada do saber, o que tem levado os jovens a decidir o que ser e o que fazer de forma acrítica e irracional. **Palavras-chave:** Adolescência. Identidade. Tecnologia.

ABSTRACT The article is the result of a survey conducted in 2013, in the course of pedagogy of Universidade Federal do Ceará. As there are different conceptions of childhood and adolescence at various times, we start with the following question: how is the construction of the youth's identity today, immersed and mediated by digital technology?

The methodology used was ethnography, with data collected in interviews with young people between 12 and 18 years old of Fortaleza schools. The Sociocultural Theory of Development and Learning, Vygotsky, and the Psychosocial Theory of Erik Erikson gave theoretical support to the

research. New elements of cognitive training, as ways of learning, forms of writing, reading and social interaction (now virtual) are fundamental to identity construction today (very different from the time of their parents and grandparents). There are also negative points, since the dynamics of media interactivity reflects the power relations in society, the broadest competition for symbolic and material resources. There is a clear perception that the overload of information and current communication creates an uncontrolled expansion of knowledge, which has led young people to decide what to be and what to do in an uncritical and irrationally. **Keywords:** Adolescence. Identity. Technology.

Construindo identidades adolescentes na Pós-modernidade: *pequeno esboço etnográfico* 1

Introdução A humanidade, nestas últimas décadas, experimentou enormes mudanças em todos os campos. Com o fim da guerra fria e o advento da revolução microeletrônica, o mundo contemporâneo sofreu uma aceleração nunca antes vista, fazendo com que praticamente todos os processos de organização social fossem “abalados” por essa amálgama de fenômenos a que muitos chamam de “Pós-modernidade”[1]. Questões acerca das noções de temporalidade e espacialidade, questões jurídicas e bioéticas, embates entre consumo e informação, maximização da liberdade individual em detrimento da segurança coletiva, bem como a demanda por novas construções identitárias são apenas alguns exemplos dos novos desafios da complexidade atual. O presente artigo tem como objetivo elucidar como estão se dando, se formatando as identidades juvenis hoje, permeadas que estão pela influência da tecnologia midiático-digital. Entrevistamos dez adolescentes na faixa de idade que vai dos doze aos dezoito anos, na cidade de Fortaleza-Ce, no ano de 2013, de modo a obter os dados necessários ao trabalho, que se fundamenta metodologicamente na Etnografia (CHIZZOTTI, 2011). É consenso entre os mais diversos autores que os novos preceitos inseridos pelo contexto da Pós-modernidade vêm abrindo espaço para uma multiplicidade de representações dessa populacional jovem, não sendo mais possível estabelecer limites precisamente definidos, tanto cronológicos, quanto cognitivos. **2 Discutindo adolescência, identidade e tecnologia no mundo atual** Da perspectiva da Época Moderna, o homem tinha uma identidade bem definida e localizada na sociedade. Contudo, a mudança estrutural que vem se processando fragmentou e deslocou as identidades de classe, sexualidade, etnias e nacionalidades. Se antes essas identidades eram sólidas e socialmente encaixadas, hoje se encontram sem fronteiras e provocam sérias crises na maioria das pessoas. Depois da identidade dita unificada e estável, do sujeito identificado ao seu grupo social ou estereotipado, a identidade está se tornando mais e mais fragmentada. Um sujeito pós-moderno se compõe de várias identidades. O processo de identificação por meio do qual nos projetamos tornou-se

provisório, variável, problemático. Vejamos o que diz Hall (2006, p. 13) acerca do sujeito pós-moderno:

[...] O sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Contrapondo-se à perspectiva moderna de infância e de adolescência, a Pós-modernidade aponta para uma nova concepção, que abre espaço para a multiplicidade e parcialidade de representações dessas faixas de desenvolvimento. Provas dessa mudança estão por todos os lados, entre elas a influência da explosão de informações característica da era contemporânea. Diante desse novo sujeito, sem identidade fixa, estável e coerente, a adolescência é a faixa mais suscetível à absorção dessas mudanças, principalmente pelo maior contato com as novas realidades do mundo tecno-midiático, que se iniciaram com o rádio, o cinema e a televisão e, posteriormente, avançaram com a internet e a globalização. A saturação imposta pela tecnologia, com sua carga excessiva de informações, gerou uma espécie de vertigem, fazendo as pessoas perderem a fé em alguma compreensão que tenha validade, inclusive levando-as a repensar a questão da apreensão do conhecimento. Esse é o problema da expansão descontrolada do saber, tão propagada por Morin (2009), que afirma que "estamos afogados em informações, nas ciências e nas mídias". Para este cientista, o conhecimento só é gerado quando as informações são inseridas em um contexto, pois, sendo parcelas dispersas do saber, ao se proliferarem em larga escala, fogem ao nosso controle. Enfrentamos, hoje, o árduo desafio de conjugá-las, integrando os conhecimentos disponíveis. Para Morin (2009, p. 15)

Os desafios da complexidade inevitavelmente nos confrontam com os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária [...] a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. [...] uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável. Nessa dinâmica das condutas sociais, hoje desenvolvida em um espaço rotulado por "hiperrealidade", destaca-se a manipulação do poder em todas as fases da experiência humana. O conhecimento e a interação com essas mídias vêm a ser, não um acréscimo raro a um currículo escolar tradicional, mas uma prática para negociar a identidade do indivíduo, seus valores, sua localização, seu "estar em uma hiperrealidade" saturada pelo poder. Silva (2008) traz a discussão sobre o processo de produção das identidades, o que gera também a produção das diferenças, uma disputa baseada nas relações de poder. O autor ensina que

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2008, p. 81)

Pelas formulações teóricas já apontadas, podemos concluir parcialmente que a identidade do adolescente está diante de novas configurações, pela perspectiva fragmentária da Pós-modernidade, onde a sua concepção aponta para uma multiplicidade de formatos. Calligares (2000, p. 9) afirma que

Nossos adolescentes amam, brigam, estudam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa,

sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. [...] Desse modo, percebemos que, tanto a infância quanto a adolescência, são hoje compreendidas como categorias construídas historicamente, tendo, portanto, múltiplas emergências. Essa idéia corrobora com os paradigmas da pós-modernidade, marcos da nossa contemporaneidade. Torna-se evidente o entendimento da adolescência como uma categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de uma história e de um tempo específicos. Deve-se pensar nesse conceito para além da idade cronológica, da puberdade e das transformações físicas que esta acarreta. **3 Construindo identidades adolescentes na Pós-modernidade: atores e falas em pequeno esboço etnográfico** Ouvir as narrativas[2] desses jovens nos possibilita mapear, enxergar algum(uns) novo(s) sentido(s) que as novas interações sociais, travadas agora em níveis de realidade virtual (a maioria), estabelecem na construção cognitiva e psicológica dos adolescentes e, desta forma, como essa dinâmica influencia na formação de suas identidades. Quase sempre é possível verificar o que está por detrás das aparências, no jogo da vida, como agem as estruturas de reprodução ideológica no plano individual, a influência do sistema capitalista de produção na fomentação do consumo e do desejo, agora também muito fortemente marcado nos espaços de "hiperrealidade", no mundo virtual, por meio de sites comerciais, blogs e redes sociais. Não seria a "coisificação" da própria vida que estaria norteando, muito mais implacavelmente, a construção dessas identidades, no seio do jogo do poder e do interesse capitalista?

Sintetiza-se, inicialmente, três respostas dadas pelos adolescentes: sobre como se dão os seus relacionamentos hoje em dia; se os vínculos firmados por esses relacionamentos são considerados fortes ou fracos, bem como se podem acontecer também isoladamente, apenas virtualmente, sem contato no mundo físico/ real e; se se identificariam a algum grupo, alguma turma. Eis as respostas:

(DANIELA, 18 anos)___ "... Tenho muitos amigos virtuais, conversamos muito e é muito legal, pessoalmente só tenho duas amigas na escola em quem confio muito pouco... "

(GABBY, 17 anos)___ "...Tenho muitos amigos virtuais, prefiro eles, poucos eu conheço, conheci mandando convites de amizades e conquistei várias

amizades virtuais, como não os conheço pessoalmente nossas relações são duradouras ,já os que conheço na vida real não consigo manter uma amizade , falta assunto, as vezes não me sinto bem, não tenho confiança neles. meus amigos virtuais sempre trazem notícias interessantes...".

(ARTHUR, 16 anos)___ "...Tenho bastantes amigos, principalmente no colégio, onde as amizades são bem fortes, porém existem amizades um pouco mais distantes, que mesmo com a possibilidade de ela se fixar pelo meio virtual elas não se fixam e se tornam fracas. Eu tenho alguns amigos que não conheço pessoalmente, quase sempre amigo de amigos. A minhas amizades se dão de uma forma bem equilibrada, pois os mesmos amigos que eu converso todo dia na internet são os que eu converso todo dia no colégio... "

(THAIS, 16 anos)___ "...Minhas amizades, considero boas e fortes, mas creio que pessoalmente torna-se bem mais concreto. Apesar de ter bons amigos em redes sociais que ainda não conheço pessoalmente..."

(LUANA, 18 anos)___ "... Sim. Me identifico com a turma da banda marcial ao qual participo. No meu caso, foi no interesse em comum de participar da banda, pois quase todos os anos muda a formação. Antes de sonhos, diria prioridades, a primeira tirar a carteira de habilitação e ingressar em uma Universidade pública..."

(ARTHUR, 16 anos)___ " ... Identifico-me bastante com os grupos que dividem um gosto semelhante ao meu, como música ou jogos ou estilo de vida. Os Grupos se foram por semelhança, como aquela famosa frase "semelhante dissolve semelhante" uso-a também para dizer que pessoas com o mesmo gosto se relacionam melhor do que pessoas com gostos diferentes. No futuro eu quero ser um grande químico, ainda não sei que parte da química, mas quero ser um químico e quero ter uma família bem sucedida e uma casa decente, que não faça inveja a ninguém... "

(ANA TEREZA, 12 anos)___ "...Na minha opinião um grupo se forma normalmente entre colegas de classe que se identificam uns com os outros. No futuro, gostaria de ser estilista..."

(AMANDA, 15 anos)___ "Sim, tenho um grupo de amigos. Em alguns casos, alguns grupos se formam por algum interesse. No meu caso, foi mais por

identificação. No futuro, meu sonho é ingressar em uma universidade pública para que no futuro possa ter uma vida confortável.” (UFC, 2013, p.46-51)

Pelas respostas emitidas, logo se percebe que a questão da identidade, da identificação, é uma questão complicada e cheia de nuances. Há certa irregularidade no tocante às relações no âmbito virtual, ambiente em que, para alguns, essas relações são mais fortes do que na vida real e, para outros, se dá o oposto. As opiniões, no entanto, são pacíficas no sentido de afirmar que a identificação a “[...] grupos se formam por algum interesse [...], [...] um grupo se forma entre colegas que se identificam uns com os outros[...], [...] Identifico-me bastante com os grupos que dividem um gosto semelhante ao meu, como música ou jogos ou estilo de vida[...].” (UFC, 2013, p. 46-51). A ensinanga de Silva (2008) traz uma definição bem clara e objetiva do que o autor acha que deve ser a identidade, esta que, por sua vez, não é clara, muito menos objetiva hoje em dia. Para este autor,

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato. A identidade não é fixa, estável. Tampouco é homogênea, definitiva, acabada. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, uma relação. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2008, p. 96-97)

Para um entendimento mais aprofundado sobre esses “sistemas de representação”, oportuna é a contribuição da teoria psicossocial de Erikson (1968), no sentido de tentar alguma resolução para a questão identitária, ao citar três dimensões que se coordenam. Em paralelo aos estágios de desenvolvimento psicossocial, diz aquele autor que há estágios psicossociais de desenvolvimento do ego: o desenvolvimento da personalidade não para na adolescência, mas continua através de todo o ciclo vital e; cada estágio tem um momento crítico, chamado “crise”, período em que se estabelece uma tensão entre dois polos, um positivo e outro negativo, entre progredir ou regredir, integrar ou retardar. Acrescenta ainda o estudioso que há a “necessidade de continuidade da experiência”, pois

tudo que cresce tem um plano básico, até que suas partes formem um todo. É o que ele chamou de "princípio epigenético". Esse plano não se desenvolve sem a dimensão social, esta envolvendo acomodações mútuas entre o indivíduo e a sociedade, o que ele chamou de "princípio da relatividade cultural". Apesar da existência do plano biológico e do plano social, cada indivíduo percebe e responde ao mundo de uma forma diferente, que se traduz na "dimensão individual do desenvolvimento da personalidade", ou seja, a capacidade de integração da experiência. Portanto, quando as três dimensões citadas anteriormente se coordenam, o resultado será

Uma pessoa que domina o seu ambiente mostra unidade na personalidade e é capaz de perceber corretamente o mundo e a si mesma. Reconhecer-se único em determinada sociedade, com passado, presente e futuro particulares. Assim, a unidade da personalidade depende de um firme sentido de identidade do ego. Destarte, identidade é uma interdependência das três dimensões já citadas, havendo: a) um sentido de singularidade individual; b) um esforço pela continuidade da experiência e; c) uma solidariedade para com os ideais de um grupo. (ERIKSON, 1968 apud BATESON, 2005, p. 64-65) A brilhante conclusão da citação acima, relacionando a identidade à solidariedade para com os ideais de um grupo é o que demonstra a maioria das vozes dos atores entrevistados. Não há dúvida de que grupos se formam por afinidades, gostos semelhantes. Porém, certa confusão paira no ar quanto aos vínculos dos novos grupos formados nos ambientes virtuais, posto que para uma parcela dos entrevistados eles parecem até mais confiáveis do que os grupos que se formam no ambiente físico/ real. A pequena amostragem realizada não nos permite afirmar uma mudança significativa neste ponto, mas serve para futuros questionamento em trabalhos sobre novos formatos de identidades e identificações. Ao serem questionados sobre a noção de temporalidade, no sentido da faixa que limita o período da adolescência hoje, os jovens acreditam que a adolescência está passando mais rápido do que antigamente, influenciada que está pela questão midiática. Segue-se o que responderam os adolescentes em sua maioria:

(DANIELA, 18 anos)__ " ...Sim, realmente quase não existe mais infância, as redes sociais e o acesso rápido e fácil das informações colaboram com o fim das brincadeiras de infância ,influenciam muito no comportamento de

jovens e crianças,tornando-as viciadas em internet e com informações que não deveria ser direcionadas para sua idade,que é o meu caso,descobri tudo muito cedo devido as informações que eu pesquisava na internet... ”

(LUANA, 18 anos)___ “ ...Sim. Por conta de terem mais acesso aos meios de comunicação, eles estão aprendendo mais rápido e amadurecendo mais rapidamente...”

(ANA TEREZA, 12 anos)___ “...Sim, principalmente por causa do grande avanço tecnológico, isso faz com que as crianças passem mais tempo navegando na internet ao invés de estarem brincando. Com isso, elas ficam precoces mais rapidamente...”

(AMANDA, 15 anos)___ “Sim. As crianças estão sofrendo mais influências, inclusive da televisão. Com a facilidade ao acesso às mídias, hoje em dia, com certeza é uma grande influência. ” (UFC, 2013, p.46-51) Como se vê, para os jovens de hoje a adolescência é uma rápida passagem e, nesse processo há, sem sombra de dúvida, uma influência enorme da comunicação e do acesso à informação contemporânea. Interessante resposta nos dá a primeira entrevistada acima, quando diz que “[...] realmente, quase não existe mais infância [...] o acesso rápido e fácil das informações colaboram com o fim das brincadeiras de infância [...] descobri tudo muito cedo” (UFC, 2013, p.46-51). Tentar enquadrar cronologicamente essa faixa de desenvolvimento tornou-se tarefa árida em nossos dias, pois a idade não dá mais conta de abarcar as concepções de criança e de adolescente. O grande historiador francês Ariès (1978) assim se manifestou sobre a infância e a adolescência, o que para ele não passa de “invenções da modernidade”:

A infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade [...] a adolescência também nasceu sob o signo da modernidade, a partir do século XX[...] o que hoje denominamos infância e adolescência, enquanto idades cronológicas, sempre existiram. No entanto, para se fazerem concretas, constituíram-se historicamente dentro das sociedades. (ARIÈS, Apud FROTA, 2007, p. 151-157) Tudo leva a crer, segundo esse estudioso, que a infância e a adolescência são uma criação de um tempo e de condições históricas sócio culturalmente determinadas. Essas categorias mudariam com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos e geográficos.

Evidentemente, os adolescentes de hoje não são iguais aos de ontem, nem serão iguais aos de amanhã. Essas noções estão impregnadas nas respostas dos entrevistados, levando a crer que eles estão conscientes do processo pelo qual estão passando. Os próximos questionamentos direcionados aos adolescentes foram acerca da pressão que o jovem sente (ou não) dos pais e da própria sociedade em relação ao estabelecimento da vida profissional, bem como sobre a carga de estudos imposta hoje pelos colégios. As respostas são sintetizadas na próxima citação:

(ANA TEREZA, 12 anos)___ " ...Meus pais e amigos me apóiam sobre o meu sonho de ser estilista. Meus estudos são equivalentes a manhã inteira na escola e quando chego em casa, descanso e depois dedico uma hora da tarde para estudo. Acho normal a carga horária dedicada ao estudo..."

(GABBY, 17 anos)___ "... Sim, eu acho que sou muito cobrada pelos meus pais, eles não gostam que eu fique muito tempo no computador e querem limitar minhas horas de navegação, segundo eles eu estou viciada no computador e não dou muita importância para família e para os estudos, mas eles são exagerados, o computador é o meu refúgio. nele pesquiso informações da escola e me distraio com meus amigos..."

(DANIELA, 18 anos)___ "... Sim, eu acho que sou muito cobrada pelos meus pais, a pressão é muito grande em cima dos meus estudos, isso me incomoda um pouca mas eu compreendo o lado deles, querem apenas o melhor para mim..."

(ARTHUR, 16 anos)___ "... A pressão nessa fase da vida é normal e aceitável, porém para tudo há um limite, e a maioria dos adolescentes não se saem bem sob muita pressão e acabam tendo um rendimento bem menor do que poderiam ter se não tivessem sido submetidos há tanta pressão. Meus pais nunca tentaram me fazer gostar de uma profissão, eles querem que eu escolha o que eu acho que é melhor para mim. No momento minha carga de estudos é bem alta, todo dia tenho uma ou duas matérias novas para estudar e isso pesa bastante... " (UFC, 2013, p.46-51) Há certo equilíbrio nas respostas apresentadas. Alguns pais realmente cobram bastante dos filhos sobre o seu futuro profissional e sobre a questão dos estudos, bem como a maioria dos alunos acha a carga de estudos muito pesada para eles. Constata-se, normalmente, que os alunos de hoje têm

muitas disciplinas a cumprir, sendo este fenômeno uma consequência lógica da fragmentação dos conteúdos imposta pelo sistema educativo que, por sua vez, segue o ritmo da produção e do consumo capitalistas, refletido nos conteúdos escolares. É um ciclo que não para de girar, a não ser que o sistema que o estruturou acabe. Agora, questionados sobre o acesso amplo à informação e a influência desse acesso no jeito de ser do adolescente, no modo como isso molda suas rotinas diárias, os jovens assim manifestaram suas opiniões:

(GABBY, 17 anos)___ "...Sim, na internet o que rola temos que seguir,acompanhar. ser independente pelo menos é o que eu sou virtualmente. expresso minha opinião no meu face sem medo de ser feliz. estudo e meu hobbie é ficar no face ,bate papo e tal..."

(DANIELA, 18 anos)___ "...Sim, literalmente. é falar gírias que se usam no face, escrever como se escreve no face, ter muitos amigos virtuais e se isolar das pessoas, é o que acontece comigo, sou popular nas redes sociais e na vida real eu sou quase invisível..."

(ARTHUR, 16 anos)___ " ... O comportamento, na minha opinião, sofre bastante influencia dessa comunicação, pois a pessoa pode abranger um conteúdo maior de conhecimento ao pesquisar sobre assuntos diversos e definir, quão cedo puder, seu estilo e seu comportamento. Ser jovem é difícil, é uma fase onde você é bem pressionado. Minha rotina se resume em ir ao colégio pela manhã, estudar a tarde, ter aula de inglês terça e quinta a noite e estudar mais segunda quarta a noite. No fim de semana eu brinco com meus amigos. Eu saio pouco com meus amigos (sim eu tenho vontade de sair), mas eles não querem parar de jogar para ter um pouco de lazer... "

(LUANA, 18 anos)___ "... Sim. Ser jovem hoje é ser referência em relação à mídia, é estar conectado a todos e quaisquer meios de comunicação. Minha rotina é estudar, 3º ano do ensino médio, trabalho, tenho a internet como lazer, como hobbie, participo da banda do Liceu do Ceará, como outras atividades sair com os amigos... " (UFC, 2013, p.46-51) Neste quesito se percebe um efetivo direcionamento para a questão da padronização do comportamento. Tal padrão é um modulador do jeito de ser do adolescente de hoje, principalmente o padrão estabelecido pelas redes sociais. Assim, tem-se que "[...] falar a gíria que se fala no face [...]escrever como se

escreve no face[...], enfim, seguir o que rola na internet". A última entrevistada arremata: "[...] ser jovem hoje é ser referência em relação à mídia, é estar conectado a todos e quaisquer meios de comunicação [...]" (UFC, 2013, p.46-51). É bom destacar aqui que o funcionamento mental do indivíduo tem sua origem na relação social, nas interações entre as pessoas. Portanto, o comportamento individual está muito profundamente vinculado ao comportamento grupal. Talvez este seja o postulado mais divulgado e também o mais emblemático da teoria histórico-cultural: as origens sociais do psiquismo humano. Como ocorre essa transição do social para o individual?

Os conceitos de interiorização, zona de desenvolvimento proximal e apropriação dão as respostas. Para Vygotsky (1978, Apud Cubero e Luque 2008, p. 98), "é na qualidade da atividade externa, considerada social e semioticamente mediada, que se encontra o germe do que depois constituirá a dinâmica intrapsicológica". Seria como dito, a apropriação, por parte do homem, dos produtos da cultura humana, no curso de seus contatos com os semelhantes. Nesse sentido, os homens adaptam-se aos fenômenos à sua volta, fazem-nos seus, apropriando-se deles. Assim, a mudança comportamental trazida à lume por esses jovens entrevistados são aqui explicadas à luz da teoria da origem social do funcionamento mental do indivíduo, de Lev Semionovitch Vygotsky. Em relação à aprendizagem e ao fenômeno do uso das abreviações na linguagem dentro do ambiente virtual, trazendo à baila mais uma vez a questão midiática como entremeada nesse processo, os jovens assim aduziram a essa temática:

(THAÍS, 16 anos)___ "...Sim. Ajudam. Os pontos positivos são que ajuda nos trabalhos de pesquisa e os negativos é que as pesquisas em livros estão dando lugar, ou perdendo lugar para o "Google". A escrita, nas redes sociais com abreviaturas prejudica a escrita em muitos casos. Escrevo desta maneira, apenas quando me comunico em redes sociais..."

(LUANA, 18 anos)___ " ...Com certeza ajudam na questão da escola. Um ponto positivo foi a facilitação e o acesso à pesquisa e o ponto negativo é que os alunos deixam e pesquisar mais a fundo, na biblioteca, por exemplo. Pois já encontram tudo facilitado na rede. A questão das abreviaturas, prejudica no caso de o aluno precisar escrever uma redação e se confundir, no meu caso, nunca me prejudicou..."

(DANIELA, 18 anos)___ "...Positivos:_praticidade e variedade de informações. Negativos:_o desinteresse pela leitura, não tenho coragem de ler nem um livro, pesquiso na internet e pronto! sim, as vezes me esqueço e começo a escrever como faço no face, mas procuro me policiar em relação a isso..."

(GABBY, 17 anos)___ "...Positivos:_copiar e colar, é o que eu faço sempre. Negativos:_não gosto muito de ler, não tenho hábito de leitura , as vezes sinto falta mas tenho preguiça..." (UFC, 2013, p.46-51) Aqui entra em cena a questão da relação ensino x aprendizagem. Pelo que se percebe, a questão central que se coloca hoje é a de que "[...] os alunos deixam de pesquisar mais a fundo [...] já encontram tudo facilitado na rede [...] desinteresse pela leitura [...] não gosto muito de ler, não tenho hábito de leitura [...]" (UFC, 2013, p.46-51). Estas são mudanças profundas nos hábitos comportamentais. Vygotsky (1978, Apud Cubero e Luque, 2008, p. 102-106), vaticina que

As atividades humanas são fenômenos mediados por signos. Um sistema de signos produzido em sociedade transforma a fala, o pensamento e a ação humana. O significado do signo como instrumento é de natureza primordialmente comunicativa. Portanto, esses instrumentos de mediação dão forma à atividade humana, inter e intrapsicológica. Os saltos qualitativos, no entanto, estariam associados a novas formas de mediação pela escola formal, de modo a compensar essa perda "significativa" nos hábitos dos alunos. Neste ponto, a teoria Vygotskyana certamente conclamará a escola a chamar para si essa nova forma de mediação. As respostas trazidas pelos adolescentes dão conta de que a escola não está tendo a força necessária para manter a unidade da linguagem, a coesão gramatical e o interesse pela pesquisa mais aprofundada, por meio da leitura acadêmica. Destarte, o contexto do ensino formal (escolar), sendo real e concreto, facilitaria e complementaria o fluxo de interação social em que esses diferentes participantes compartilham suas atividades práticas (cultas) de verbalização e escrita. É, de fato, uma questão difícil. Se, por um lado, diz-se que nunca na história da humanidade o jovem leu tanto quanto agora na contemporaneidade; de outro, percebe-se claramente o problema de leituras descontextualizadas, meramente informativas, encontrada na rede mundial de computadores. A questão da linguagem abreviada nas

redes sociais poderia agravar a situação, pois o padrão culto da língua é desobedecido, gerando uma dificuldade de sua utilização em outros ambientes em que a norma culta é exigida. Por outro lado, a linguagem abreviada traduz a velocidade dos novos tempos. No entanto, esta velocidade, segundo os estudiosos, é inversamente proporcional à questão da memória, ou seja, a memória vem se desfazendo com a mesma velocidade que as novas tecnologias vêm crescendo. Por último e em tom de jocosidade, até para deixar mais “leve” a entrevista, os jovens foram questionados sobre qual seria o limite de tempo que eles acham que conseguiriam ficar sem equipamentos eletrônicos e sem acesso à rede mundial de computadores. Segue-se a compilação das respostas:

(THAÍS, 16 anos)___ “...Conseguiria, ficar no máximo, três dias. Dependendo da situação e ocasião. Não conseguiria viver sem as mídias digitais hoje, pois estamos dependentes destas mídias...”

(ARTHUR, 16 anos)___ “...É praticamente impossível e inimaginável de se viver sem tecnologia, nós estamos virando dependente dela para tudo, para comunicação, diversão, estudo, lazer e até para emprego. Eu conseguiria viver sem as mídias digitais, porém iria causar um grande impacto em mim, pois eu mesmo uso-a para quase tudo que eu faço no dia a dia... ”

(GABBY, 17 anos)___ “ ...Não, isso seria impossível!como iria me comunicar com meus amigos virtuais?

o que seria de mim se passasse um dia sem me desabafar para eles,quando estou com meus amigos virtuais eu sou outra pessoa,bastante comunicativa e alegre.isso me deixaria muito triste e me levaria a uma depressão,tenho certeza...!”

(AMANDA, 15 anos)___ “Conseguiria passar de um a dois meses, dependendo da situação, sem as mídias digitais, é difícil pois todo mundo tem acesso e dependemos desta tecnologia.”

(DANIELA, 18 anos)___ “De forma alguma, seria uma tortura para mim, fico apavorada só em pensar o que seria de mim sem meu celular, tablet, seria o fim!... ”

(ANA TEREZA, 12 anos)___ “Acho que passaria até dois dias sem equipamentos eletrônicos. Viver sem internet seria um pouco chato... ”

(LUANA, 18 anos)___ "... Conseguiria aproximadamente um mês. Sem as mídias digitais não conseguiria viver, pois hoje estas são uma necessidade..." (Cf. UFC, 2013, p.46-51)

A resposta é uníssona: não há como viver sem a tecnologia midiática digital, que proporciona o acesso à informação e à comunicação pelas redes sociais. Não importa qual o equipamento, computador pessoal, netbook, notebook, ultrabook, Ipad, Ipod, smartphones, Mp4, celulares, enfim, tudo o que facilitar o acesso à rede mundial de computadores é bem-vindo para os adolescentes. Realmente é imprescindível o uso da tecnologia da informação nos dias atuais, para a grande maioria das pessoas, seja por motivos de trabalho, lazer, informação, pesquisa, cultura, troca de conhecimentos. É importante, antes de tudo e prioritariamente, principalmente para os adolescentes, estar conectado. Estar "*off line*" é praticamente estar morto, não existir. O resto, não importa. **4 Considerações derradeiras** Não há afirmações conclusivas para o presente trabalho, mas tão-somente considerações, uma vez que vivemos um processo histórico onde a velocidade da informação e das mudanças dão-se em um nível altíssimo. A chamada Pós-modernidade vem abrindo espaço para uma multiplicidade de representações da população adolescente, não sendo mais possível estabelecer limites precisos para essa "faixa-etária", nem cronológicos, nem cognitivos. Não obstante, a Teoria Sociocultural do Desenvolvimento e da Aprendizagem, de Vygotsky (1896-1934), bem como a Teoria Psicossocial de Erik Erikson (1902-1994) demonstraram dar conta, no presente trabalho, de conceituar e amparar teoricamente novos fenômenos sociais. As questões aqui colocadas aos adolescentes deram-se no intuito de tentar buscar algum(uns) novo(s) sentido(s) de identidade(s) para esses sujeitos da pesquisa, em meio ao universo da comunicação e da informação, mediatizadas que são pela tecnologia da informação digital. As mídias digitais contemporâneas já são, sem sombra de dúvidas, a maior influência nesse constructo de identidade e identificação do jovem contemporâneo.. Evidenciou-se, entretanto, que essa dinâmica de interatividade midiática está inserida na disputa mais ampla pelos recursos simbólicos e materiais da sociedade, estabelecida pelas relações de poder. Nesta esteira, a disputa de demarcações de identidades e diferenças é esculpida, como bem demonstra Silva (2008). Faz-se nítida, ademais, uma percepção de que a excessiva

carga de informação e de comunicação atual gera uma expansão descontrolada do saber, corroborando com o entendimento de Morin (2009), o que tem levado grandes contingentes de pessoas, principalmente de jovens, a decidirem o que ser e o que fazer de forma acrítica e irracional.

[1] O termo “Pós-modernidade” remonta à década de 1960, tendo partido de um movimento que desejava romper com os padrões arquitetônicos adotados pela estética urbanística moderna. A expressão “pós” transmitia a insatisfação e o desejo de ruptura de seus mentores frente aos valores nos quais se apoiava o estilo moderno. Logo em seguida, o termo ganhou novos adeptos nas artes, na literatura e na filosofia, ultrapassando as fronteiras de seu reduto inicial. Muito embora reconheçamos que, ainda hoje, não há um consenso acerca do uso da expressão “pós-modernidade”, não nos seria oportuno, dados os estreitos limites do presente trabalho, o enfrentamento da controvérsia suscitada entre os teóricos que admitem a pós-modernidade – tais como Lyotard, Harvey, Bauman e outros – e aqueles que sustentam a tese de que estaríamos vivendo apenas uma *radicalização* desdobrada da mesma modernidade. Entre estes últimos, destacam-se Anthony Giddens (que prefere o termo “metamodernidade”), Lipovetsky e Sébastien Charles (para quem melhor seria falar em “hipermodernidade”), ou ainda Zarka e Gauchet (que cunharam o termo “ultramodernidade”).

[2] NOTA DO AUTOR: Transcrevemos diversas respostas em citações únicas, correspondentes a cada categoria temática.

REFERÊNCIAS ADORNO, T. A indústria cultural. In: COHN, G. (Org). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Edusp, 1971. BARBOSA, Amanda. **Entrevista**. Apêndices do Projeto “Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade”. UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2 BATESON, Gregory. A teoria psicossocial de Erikson e a construção da identidade. In: PEREIRA, Antônio Carlos Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: HARBRA, 2005. p. 57-79. CALLIGARES, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolhas, 2000. CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. CUBERO, Rosário; LUQUE, Alfonso. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem. In: COLL, César. **Desenvolvimento psicológico e educação. V. 1- Psicologia Evolutiva**. São Paulo: Artmed, 2008. GAMBOA, Sílvia Sánchez. A globalização e os desafios da Educação no limiar do novo século: um olhar desde a América Latina. In: LOMBARDI, José Claudinei. **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores

Associados, 2003. GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000. LANDIM, Arthur Martins Mourão. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. LIMA, Thaís Cristina de Sousa. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. LISOSKY, J. M. Crianças para todos os objetivos: Comparando Televisão e Construção Policial Infantil na Austrália, Canadá e Estados Unidos. **Mídia, Cultura e Sociedade**, n. 23, 2001. MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica Ed., 2004. MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. MOTA, Daniela da Justa. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. MOTA JÚNIOR, Eliseu F. da. **Infância e Juventude: os meios modernos de comunicação e os mecanismos de controle**. São Paulo: Revista Justitia, 2000. MOTA, Nathália Gabriela da Justa. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. PEREIRA JÚNIOR, Antônio Jorge. **Direitos da criança e do adolescente em face da TV**. São Paulo: Saraiva, 2011. RODRIGUES, Ana Tereza Souza. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995. SILVA, Luana Camila Ribeiro da. **Entrevista**. Apêndices do Projeto "Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade". UFC. Faced. Curso de Pedagogia. Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: semestre 2013.2. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. UFC. Universidade Federal do Ceará. **Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, CE: UFC/Biblioteca Universitária, 2012. _____. **Comunicação midiática contemporânea e juventude: a construção da adolescência na Pós-modernidade**. Projeto de pesquisa. Fortaleza: UFC/FACED, 2013. VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes,

1993.

[1] O termo “Pós-modernidade” remonta à década de 1960, tendo partido de um movimento que desejava romper com os padrões arquitetônicos adotados pela estética urbanística moderna. A expressão “pós” transmitia a insatisfação e o desejo de ruptura de seus mentores frente aos valores nos quais se apoiava o estilo moderno. Logo em seguida, o termo ganhou novos adeptos nas artes, na literatura e na filosofia, ultrapassando as fronteiras de seu reduto inicial. Muito embora reconheçamos que, ainda hoje, não há um consenso acerca do uso da expressão “pós-modernidade”, não nos seria oportuno, dados os estreitos limites do presente trabalho, o enfrentamento da controvérsia suscitada entre os teóricos que admitem a pós-modernidade – tais como Lyotard, Harvey, Bauman e outros – e aqueles que sustentam a tese de que estaríamos vivendo apenas uma *radicalização* desdobrada da mesma modernidade. Entre estes últimos, destacam-se Anthony Giddens (que prefere o termo “metamodernidade”), Lipovetsky e Sébastien Charles (para quem melhor seria falar em “hipermodernidade”), ou ainda Zarka e Gauchet (que cunharam o termo “ultramodernidade”). [1] NOTA DO AUTOR: Transcrevemos diversas respostas em citações únicas, correspondentes a cada categoria temática.

(*) Mestre em Educação, Especialista em Direito Público e Graduado em História pela UFC-Universidade Federal do Ceará; [http://](http://lattes.cnpq.br/7507129434693361)

lattes.cnpq.br

[/7507129434693361](http://lattes.cnpq.br/7507129434693361); e-mail: zezearagao@gmail.com

.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 10/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: